

EDUCAÇÃO

V.8 • N.3 • Publicação Contínua - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p644-660



O OLHAR DO PEDAGOGO PARA SUA PRÁTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

THE PEDAGOGUE'S LOOK AT ITS PRACTICE IN PANDEMIC TIMES

LA MIRADA DEL PEDAGOGO A SU PRÁCTICA EN TIEMPOS PANDÉMICOS

Klalter Bez Fontana Arndt¹
Dulce Márcia Cruz²

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa, realizada no mês de maio de 2020, com um grupo de pedagogos que atuam na Educação Infantil ou nos Anos Iniciais da rede pública de ensino de Santa Catarina. Em tempos de pandemia, muitos desafios estão sendo postos ao sistema educacional e, em especial, aos professores. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi conhecer quais as percepções que estes profissionais têm sobre a prática pedagógica que estão desenvolvendo via ensino remoto e on-line, bem como os desafios encontrados. Foi realizada uma investigação qualitativa por meio de aplicação de questionário e realização de entrevistas semiestruturadas. O resultado evidenciou o quanto esse momento está sendo difícil, denotando que não houve tempo para o diálogo e para planejar as estratégias adotadas de acordo com as peculiaridades destas duas importantes etapas educacionais. Além disso, a pesquisa nos mostrou a importância de a formação inicial do Pedagogo dar maior ênfase ao letramento midiático e ao uso das tecnologias digitais no cotidiano pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE

Formação Docente. Práticas Pedagógicas. Mídias Digitais. Letramento Midiático.

ABSTRACT

Month of May 2020, with a group of pedagogues who work in Early Childhood Education or in the Early Years of the Public Education Network of the State of Santa Catarina. In times of pandemic, many challenges are posed to the educational system and, in particular, to teachers. In this sense, the objective of the research was to find out what are the perceptions that these professionals have about the pedagogical practice they are developing via remote and online teaching, as well as the challenges encountered. A qualitative investigation was carried out by applying a questionnaire and conducting semi-structured interviews. The result shows how difficult this moment has been, indicating that there was no time for dialogue and to plan the strategies adopted according to the peculiarities of these two important educational stages. In addition, a survey shows the importance of the initial training of these pedagogists, with a greater emphasis on media literacy and the use of digital technologies in the pedagogical routine.

KEYWORDS

Teacher Training. Pedagogical Practices. Digital Media. Media Literacy.

RESUMEN

Este artículo presenta el resultado de una investigación, realizada en el mes de mayo de 2020, con un grupo de pedagogos que trabajan en Educación Infantil o en los primeros años de la red de educación pública en el estado de Santa Catarina. En tiempos de pandemia, se plantean muchos desafíos al sistema educativo y, en particular, a los docentes. En este sentido, el objetivo de la investigación fue saber cuáles son las percepciones que tienen estos profesionales sobre la práctica pedagógica que están desarrollando a través de la enseñanza remota y en línea, así como los desafíos encontrados. Se realizó una investigación cualitativa aplicando un cuestionario y realizando entrevistas semiestructuradas. El resultado mostró cuán difícil ha sido este momento, mostrando que no había tiempo para el diálogo y para planificar las estrategias adoptadas de acuerdo con las peculiaridades de estas dos etapas educativas importantes. Además, la investigación nos muestra la importancia de la formación inicial de estos pedagogos para poner mayor énfasis en la alfabetización mediática y el uso de tecnologías digitales en la rutina pedagógica.

PALABRAS CLAVES

Formación del profesorado. Prácticas pedagógicas. Medios digitales. Alfabetización mediática.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 ficará marcado por uma pandemia que mudou drasticamente nosso cotidiano e, principalmente, nossas interações sociais no mundo todo. O vírus, denominado cientificamente SARS-CoV-2 (ou popularmente conhecido como novo corona vírus) fez com que em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarasse que a disseminação comunitária da Covid-19 em todos os continentes a caracterizava como pandemia. Dentre as várias resoluções tomadas para seu enfrentamento, uma das mais sérias e que gerou maior impacto social foi a orientação pelo isolamento social, incluindo a suspensão das aulas presenciais.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) publicou a portaria 343, em 17 de março, autorizando as escolas a substituírem as aulas presenciais por aulas on-line. Aos estados e municípios coube a elaboração e publicação de suas portarias e resoluções internas, considerando seus contextos regionais. Em Santa Catarina, o governo publicou, via Conselho Estadual de Educação, a Resolução 009, de 19 de março de 2020, que suspendeu as aulas em todo o estado e autorizou a oferta de atividades pedagógicas, no sistema remoto, em substituição às aulas presenciais.

Além da suspensão das aulas presenciais, o MEC publicou a Medida Provisória 934, de 1º abril de 2020, que liberou as escolas de Educação Básica do cumprimento dos 200 dias letivos, embora tenha mantido a obrigatoriedade das 800 horas. Em 1º de junho, o MEC homologou o parecer 005, elaborado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que autoriza as instituições escolares a reorganizarem seu calendário escolar, com a possibilidade de computar as atividades não presenciais em cumprimento das 800 horas letivas, em virtude da pandemia. Essas medidas fizeram com que mais de dois milhões de professores, que atuavam na Educação Básica em todo país, em 2018, segundo dados do INEP fossem colocados a ensinar a partir de suas casas.

Para identificar a percepção destes profissionais sobre as práticas pedagógicas que vêm desenvolvendo nessa nova situação de isolamento social e contato mediado por tecnologias ou outras estratégias foi realizada uma pesquisa em Santa Catarina, com pedagogos em exercício na Educação Infantil (EI) ou nos Anos Iniciais (AI). Em 2019, segundo o Censo Escolar do Inep, Santa Catarina teve 1,6 milhão de estudantes matriculados na educação básica, sendo 386,2 mil alunos da educação infantil e 865,2 mil no ensino fundamental.

Esses dois segmentos da Educação Básica – EI e AI – são o *locus* majoritário de atuação dos pedagogos e por isso foram escolhidos como universo da investigação. O recorte se deve, também, pelo fato dessa pesquisa fazer parte de um doutorado em andamento, que tem os pedagogos como sujeitos centrais e a investigação acerca da interface entre letramento midiático, trajetórias formativas e identidades na formação inicial destes profissionais da educação.

2 BREVES NOTAS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Para início de conversa, achamos oportuno esclarecer algumas terminologias que vêm sendo adotadas para essas práticas. No Brasil a Educação a Distância (EAD) é uma modalidade regulamentada e

com legislação própria. Isso significa que para um curso ser ofertado a distância, ele precisa ter uma arquitetura pedagógica desenhada para atender as especificidades desta modalidade, que evidencie os objetivos educacionais e atenda ao contexto dos sujeitos a serem atendidos por ela. Outras terminologias que usualmente vêm sendo adotadas, tais como ensino remoto, on-line, híbrido, estão mais condizentes com esse movimento que estamos vivenciando, pois são estratégias que fazem uso de tecnologias digitais (como na EaD), numa forma de dar continuidade ao processo educativo, sem que seja necessária a presença física, sejam elas síncronas ou não (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020). Quanto ao termo híbrido é preciso fazer um adendo, pois o hibridismo já é inerente ao processo educacional, mas que com as tecnologias digitais tende a ganhar novas nuances. Segundo Moran (2015, p. 27),

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com mobilidade e conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo.

Esses esclarecimentos conceituais são necessários, para que as estratégias que vêm sendo adotadas sejam analisadas pela ótica do contexto em que foram inseridas – momento de pandemia. Assim, temos que olhar essas práticas, considerando que elas foram estratégias escolhidas para que as aulas pudessem ser continuadas de alguma forma. Por outro lado, mesmo sabendo do papel importante que as tecnologias vêm exercendo, não podemos negligenciar que essa situação que estamos vivendo evidenciou algumas mazelas sociais, dentre elas a exclusão digital. São milhares de famílias que não têm acesso à internet e computadores, que acabam ficando à margem dessas estratégias adotadas.

A questão da exclusão digital é particularmente perceptível nos domicílios das áreas mais pobres do país: 35% dos lares da região Nordeste não usam a web, o que também é uma realidade para 45% das famílias brasileiras com renda de até um salário mínimo. (MARI, 2020, p. 1).

Muitas instituições e secretarias municipais, tentando contornar a situação, estão imprimindo o material didático e as atividades, entregando de forma impressa às famílias. Isso resolve a questão de acesso ao conteúdo, mas por outro lado, abre o debate para importante pauta educativa: a escola se presta somente a repassar conteúdo? As aulas remotas ou on-line estão servindo somente para dar conta do conteúdo curricular deste ano letivo? E como ficam as interações e a mediação, que são elementos centrais no processo ensino-aprendizagem? São questões que requerem análises cuidadosas sobre os desafios e possibilidades pedagógicas relacionados à cultura digital e como esta vem sendo usada na condução do processo ensino-aprendizagem em tempos de pandemia.

O advento da mídia digital apresenta desafios ainda mais amplos para a escola enquanto instituição. Uma questão-chave, levantada por vários autores, concerne ao seu papel no enfrentamento das desigualdades de acesso à tecnologia surgida na sociedade. Acesso, neste sentido, é mais do que disponibilidade de equipamento, ou uma questão de habili-

dades técnicas: é também uma questão de capital cultural – a capacidade de usar formas culturais de expressão e comunicação. (BUCKINGHAM, 2010, p. 53).

Não podemos ignorar que educar vai muito além de trabalhar conteúdo. Educar pressupõe algo mais amplo, um processo formativo que leve o sujeito a se perceber no meio em que vive e desenvolver a criticidade quanto ao meio e seus aspectos conjunturais. Na perspectiva freiriana, educar significa possibilitar ao educando ressignificar e dar sentido ao saber, a oferecer situações que possam prover o educando de ferramentas cognitivas que o levem, também, a construir e ressignificar continuamente a sua aprendizagem. “Uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo” (FREIRE, 1996, p. 15).

Além disso, é importante considerar como as tecnologias digitais estão sendo usadas nesse processo educacional. Afinal, o desenvolvimento tecnológico, em especial as mídias digitais, consideradas aqui como artefatos culturais (CRUZ; VENTURA, 2018), contribuem para ressignificar nossa vida em sociedade e a forma como interagimos socialmente, também oferece elementos para que possamos repensar os processos educacionais tradicionais, mas sem esquecer o propósito do ato de educar. O ensino sem a aprendizagem vira um processo inócuo. As tecnologias digitais devem ser integradas num planejamento que tenha claro qual seu propósito educacional e que seja significativo aos alunos (PALLOFF; PRATT, 2002; ALMEIDA; SILVA, 2011).

Em tempos de pandemia, não podemos perder de nosso horizonte essas questões que sempre foram caras à pauta educativa. O uso das tecnologias digitais no cotidiano da sala de aula não são causas novas e de um momento para o outro, os educadores tiveram que fazer uso dessas tecnologias, transpondo seus materiais para o on-line, gravando aulas, sem que o tempo fosse dado para que o processo fosse mais planejado educacionalmente. Esse é um contexto de epidemia, que chegou aligeirado, acelerando discussões e a implementação de estratégias, correndo o risco de a tecnologia assumir um protagonismo que não deve ser seu quando falamos em educação.

Nesse momento cabe olhar com cautela para todo esse movimento das unidades educativas, que deu um novo significado na relação das escolas com as famílias, que cobra do professor competências digitais (REIS; AMARO; REIS, 2020) que não fizeram parte de sua formação, o que pode acarretar a sensação de incompetência, sobrecarga de trabalho, ocasionando preocupações com sua saúde física e mental³ em um delicado momento em que precisam dar conta desse novo, em meio a julgamentos e aos diversos apontamentos do que deve ou não ser feito (MOREIRA; OLIVEIRA; DONADONI, 2020; SANTOS, 2020).

3 Pesquisa realizada pelo Instituto Península (março de 2020), mostra que 53% dos professores que participaram da pesquisa indicam estarem muito ou totalmente preocupados com sua própria saúde. Disponível em: https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Pulso-Covid-19_-Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO

Investigar uma realidade social requer uma observação sistemática e atenta a todos os elementos presentes no contexto investigado (BAUER; GASKELL, 2012). Num momento de extrema mudança, como a ocorrida no contexto educacional em virtude da pandemia, foi necessário captar esse olhar atento por meio de uma pesquisa que mesclasse a objetividade de instrumentos quantitativos com a sensibilidade da pesquisa qualitativa.

Em função disso, optou-se por uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, cujo objetivo é “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, sobre determinado fato”, mas cujo “produto deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados” (GIL, 2008, p. 27). Além disso, atenderia um dos objetivos da pesquisa que é fazer um mapeamento geral das práticas realizadas pelos docentes de Santa Catarina, além de realizar uma interlocução com o maior número possível de profissionais atuantes no ensino remoto ou on-line. Para tanto, a pesquisa ocorreu em dois momentos.

Num primeiro momento, os pedagogos foram convidados a responder um questionário on-line, via formulário on-line, que ficou disponível no período de 11 a 22 de maio do corrente ano. A divulgação do questionário se deu por meio de contatos telefônicos, redes de contato via *WhatsApp* e redes sociais. Todos assinalaram o termo de consentimento antes de responderem ao questionário. Após uma semana de divulgação, contamos com a participação de 119 pedagogos espalhados por todas as regiões do estado.

O questionário foi dividido em duas sessões, sendo que a primeira levantava informações sobre o perfil desses sujeitos, contemplando seis questões relacionadas à: faixa etária, etapa educacional, tipo de instituição (pública ou privada), região do estado a que pertencia, tempo no magistério e titulação. Na segunda sessão, as questões foram relacionadas às práticas pedagógicas em tempos de pandemia, sendo oito questões fechadas e quatro abertas.

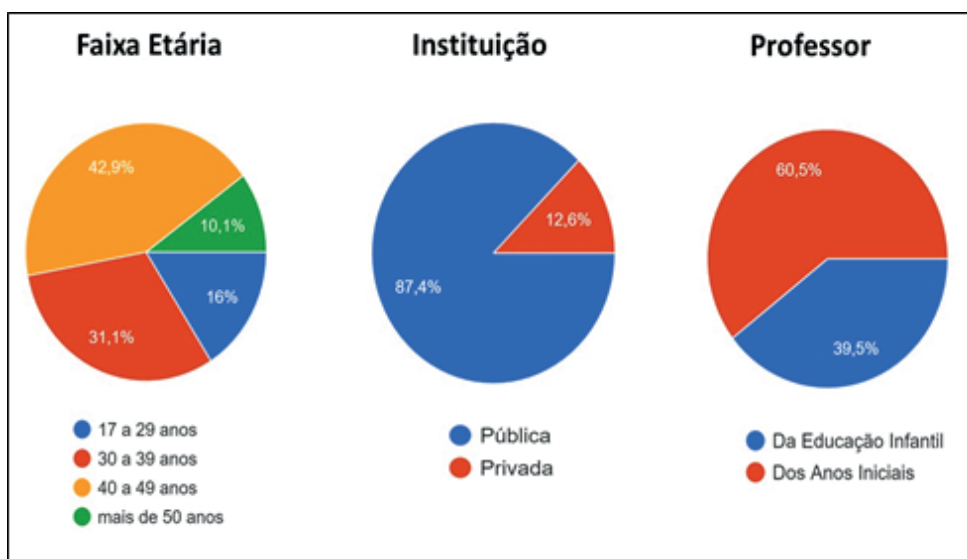
No segundo momento, realizamos entrevista semiestruturada, utilizando a ferramenta de videoconferência Zoom, que permitiu um diálogo em imagem e som. O objetivo foi dialogar com estes profissionais e aprofundar detalhes com relação à sua formação para uso dos recursos tecnológicos, em especial, sobre letramento digital e/ou midiático, como percebiam seus pares nesse delicado momento e como imaginavam o retorno às aulas presenciais pós-pandemia no que tange ao uso das tecnologias digitais no cotidiano da sala de aula. Participaram dessa segunda etapa da pesquisa, sete pedagogos⁴ e as entrevistas ocorreram entre os dias 19 e 22 de maio. É olhando para os professores, em especial os pedagogos, que apresentamos a seguir os dados obtidos com a pesquisa realizada, trazendo suas percepções e desafios enfrentados.

⁴ Os pedagogos informavam ao final do questionário, se gostariam de participar da 2ª etapa. Os que aceitavam, deixaram um número de telefone para contato. A escolha desses sete pedagogos levou em consideração a disponibilidade para conceder a entrevista na semana desejada, etapa educacional em que atuava e a abrangência de todas as regiões do estado de SC.

4 RESULTADOS RETRATOS DE UMA PESQUISA: AS PERCEPÇÕES DO PEDAGOGO SOBRE SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

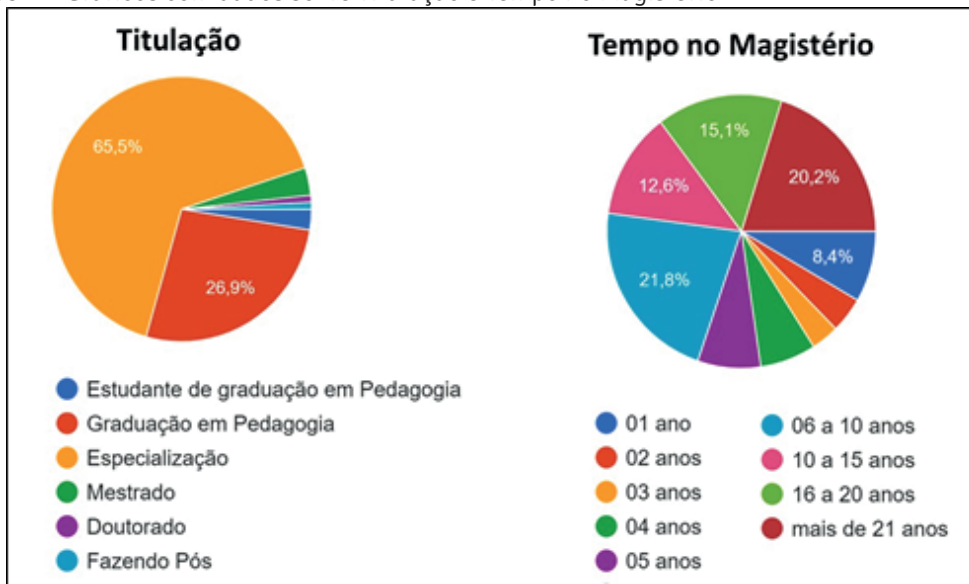
Com base nos dados levantados pelos questionários, a maioria dos pedagogos que participou da pesquisa está na faixa etária entre 40 e 49 anos (42,9%), seguido do grupo entre 30 e 39 anos (31,1%). A grande maioria trabalha com os Anos Iniciais (60,5%) nas escolas públicas (87,4%), conforme podemos visualizar a seguir:

Quadro 1 – Gráficos com dados sobre a Faixa Etária, Instituição e Segmento em que atuam os pedagogos/as participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Com relação à região do estado em que residem, tivemos dois grupos predominantes: Grande Florianópolis (38,7%) e Oeste (34,5%). A maioria dos professores é formada por especialistas (65,5%) e, com relação ao tempo de atuação, 21% têm entre 6 e 10 anos de profissão; 20,2% mais de 20 anos, 15,1% de 16 a 20 anos, conforme representado no quadro a seguir:

Quadro 2 – Gráficos com dados sobre Titulação e Tempo no Magistério

Fonte: Elaborado pelas autoras (junho, 2020)

A questão inicial perguntava qual a estratégia adotada pela instituição em que trabalhavam. A adoção de uma plataforma on-line, com recursos de videoaulas, materiais on-line e de videoconferências, foi escolhida por 64% dos professores, seguido de uso de sites da prefeitura, redes sociais e entrega de materiais impressos (33%). Somente 3% informaram que a instituição não havia adotado nenhuma estratégia.

Quando perguntamos se houve a participação deles na definição da estratégia, a maioria respondeu não ter participado (61,3%). Dos que afirmaram ter sido consultados, a maioria informou que essa participação foi por consulta on-line, nos grupos de *WhatsApp*, ou ocorreu por participarem dos conselhos escolares. Importante destacar que dos 46 professores que afirmaram terem sido consultados nesse momento, 41 deles são de escolas públicas, o que demonstra que nesses espaços públicos, a participação do professor na escolha de estratégias ainda se mostra valorizada.

Em seguida, perguntamos ao professor, qual a opinião deles sobre o ensino remoto que vem sendo praticado em sua instituição. Diante dessa questão, 75,6% afirmaram ser uma forma paliativa de dar continuidade ao calendário escolar (embora tenham ciência de que o aprendizado está sendo comprometido, pela ausência da interação presencial). No mais, 12,6% afirmaram não acreditar que o ensino remoto esteja ajudando no aprendizado das crianças e 10,1% viam nessas estratégias uma possibilidade de trabalhar os conteúdos e atividades (já previstas no calendário), sem grandes prejuízos da aprendizagem.

Dos 75,6% que afirmaram ser uma estratégia paliativa, 62% haviam informado não ter participado da definição dessa estratégia. Além disso, 88% destes professores são de escola pública e 76% atuam nos AI. No entanto quando o tema é interação, é importante avaliar como os docentes da Educação

Infantil pensam sobre essa questão. Se considerarmos que tivemos no total 47 pedagogos que atuam nesse segmento, iremos perceber que destes, 28 são de instituições que adotaram a plataforma on-line e afirmaram ser o ensino on-line somente uma forma paliativa de dar continuidade aos estudos. Para estes, a interação presencial assume um peso e uma importância ainda maior.

Essa importância apareceu na questão seguinte, quando perguntamos qual o maior desafio deles em atuar como docente durante a pandemia. Realizar a mediação com crianças sem a interação física com eles, foi apontado por 59% dos professores. Outros 18% afirmaram ser a transposição do conteúdo e atividades do presencial para o on-line, 13% escolheram o uso de recursos tecnológicos (falta de familiaridade com os recursos utilizados) e 10% afirmaram a questão da exclusão digital e falta de familiaridade da família com tais estratégias, o maior desafio.

Importante destacar que, dos que afirmaram ser o maior desafio a mediação, 49% são da Educação Infantil. Considerando que os professores que atuam nesse segmento representam somente 39,5% dos respondentes, podemos inferir que o maior desafio em fazer a mediação via ensino remoto vem justamente dos professores que atuam com esta etapa educacional. Quando cruzamos esses dados com a resposta sobre a estratégia adotada pela instituição, percebemos que destes, 41% informaram que as atividades estão sendo enviadas às famílias via redes sociais ou material impresso.

Ou seja, não foi adotada uma plataforma que possibilitasse a interação on-line, mesmo com crianças pequenas, mas somente o repasse de atividades e orientações às famílias, sendo estas responsáveis por desempenhar o papel de mediadoras. A seguir, os pedagogos foram convidados a justificarem sua resposta sobre o desafio indicado. Ao analisarmos todas as respostas, fizemos uma análise por categoria, conforme apresentamos a seguir:

a) Mediação Pedagógica – dos professores que assinalaram ser este o maior desafio, os depoimentos trouxeram a necessidade do contato físico entre professor e aluno e entre os próprios alunos no processo ensino-aprendizagem:

O contato olho no olho e as formas diferentes de explicação para atingir a todos. Através de aplicativo ou plataforma não é possível. Crianças aprendem com interação, mediação, materiais concretos, equidade e lúdico. (PEDAGOGO X, 2020).

Crianças pequenas aprendem muito com a interação entre seus pares. Eles têm uma rotina estabelecida, escola pra estudar e brincar e casa só para brincar. A quebra dessa rotina acaba tornando as atividades que seriam feitas na escola em grandes grupos de certa forma tediosa para ser feita em casa, geralmente sozinhos ou com a companhia dos pais. (PEDAGOGO Z, 2020).

Percebo que as atividades sempre vêm bem resolvidas, mostrando suporte dos responsáveis. No entanto, o erro é essencial no aprendizado e a distância não temos como saber o que estão errando. (PEDAGOGO W, 2020).

Esses resultados demonstram o quanto a mediação é essencial ao ato educativo para esses educadores e o quão desafiante tem sido para os pedagogos serem mediadores via práticas remotas e/ou

on-line. A mediação pedagógica envolve necessariamente interações, seja entre os sujeitos ou entre estes e o meio inserido. E nessas práticas on-line, a mediação docente acaba sendo mediatizada pelas tecnologias digitais usadas em suas práticas, exigindo do professor a imaginação criadora para atender às especificidades desse contexto atípico, com a criação de atividades e uso de recursos que possibilitem a expressão de sentimentos, de partilhas e de conhecimentos.

Dessa forma, os sujeitos envolvidos passam a ter a necessidade de desenvolverem outras racionalidades, ritmos de vida e relações com os objetos e com as pessoas (MARTÍN-BARBERO, 2008). Assim, não é de se estranhar que a mediação tenha sido apontada como o grande desafio educacional.

b) Transposição Pedagógica – com relação a este desafio, os professores sinalizaram a dificuldade em ajustar o planejamento feito para o ensino presencial para o ensino remoto, que muitas vezes não envolve interação direta com as crianças:

Realizar uma atividade online é bem diferente de utilizar os recursos tecnológicos em uma aula presencial, minha maior dificuldade nesse momento é utilizar os recursos e fazê-los atingir de forma clara aos alunos que estão utilizando, fora que nem todos tem acesso a plataforma de ensino, pois não tem internet em casa ou no celular. (PEDAGOGO B, 2020). É muito diferente gravar uma aula e fazer ao vivo, principalmente porque os pais também estão assistindo. (PEDAGOGO F, 2020).

Transpor materiais ou atividades planejadas do presencial para o on-line é um grande desafio para professores que já atuam na Educação a Distância, quiçá para professores que têm a presencialidade como eixo central do seu ato pedagógico. Não é simples e nem fácil. Nos currículos do curso de graduação em Pedagogia, a discussão sobre a cultura digital e/ou processos mediatizados on-line não são recorrentes (FREITAS, 2010). As disciplinas de Didática têm em sua essência o preparo dos pedagogos para planejarem suas atividades para o presencial e, quando, subitamente, esse planejamento precisa ser repensado para o on-line, o desafio e as dificuldades são enormes pela falta de preparo acadêmico e de vivência profissional com essa forma de mediação.

c) Uso dos Recursos Tecnológicos – Com relação a este desafio, percebemos que os professores não tinham preparo para uso das plataformas adotadas ou até mesmo para uso do drive de compartilhamento de arquivos. Embora não tenha sido o desafio que se destacou, vemos a importância de os professores serem preparados não somente pelo aspecto pedagógico do uso da tecnologia digital, mas também para sua capacitação no manuseio técnico desses recursos. Outro ponto importante foi a preocupação dos professores com o acesso dos alunos aos recursos:

Mesmo tendo participado de formação para aprender a usar as tecnologias, foi muito pouco. Ainda temos muito para aprender. (PEDAGOGO A, 2020).

As plataformas dificultam a interação professor-aluno e impede a interação aluno-aluno. Dessa forma, compromete-se de maneira significativa o processo ensino-aprendizagem. (PEDAGOGO E, 2020).

Vídeo aulas sem recursos...as aulas ficam ruins...sem áudio, sem qualidade...passar as atividades por exemplo no meu caso Educação Física...para online é bem difícil, sem interação, jogos coletivos e atividades lúdicas ficam sem significado. (PEDAGOGO O, 2020).

Embora esse desafio não tenha sido bastante significativo na pesquisa, quando comparado aos dois anteriores, é importante termos um olhar atento para o manuseio dos recursos tecnológicos pelos professores. Além das questões pedagógicas, conhecer os recursos, saber manuseá-los, conhecendo seus recursos e funcionalidades, acaba contribuindo tanto na transposição de conteúdos e atividades quanto na mediação pedagógica (MASETTO, 2003). O professor está atuando de dentro de sua casa, sem um suporte técnico sempre à disposição, o que muitas vezes dificulta na escolha de o recurso mais adequado, até mesmo dentro de uma plataforma on-line.

Os professores foram indagados se já usavam os recursos on-line, com suas diferentes linguagens midiáticas, na prática pedagógica, antes da pandemia. A maioria respondeu que não (58%), e destes, a maioria é da escola pública (90%) e atua na Educação Infantil (52%). A próxima questão se referia à formação para uso dos recursos midiáticos e suas diferentes linguagens, no processo pedagógico. A maioria (68,9%) respondeu que teve formação.

Quando questionados sobre o tipo de informação recebida para uso das tecnologias on-line na prática pedagógica, 39,5% responderam ter participado de cursos de formação continuada, oferecidos pelas instituições em que trabalham, 34,5% tiveram disciplinas que discutiram sobre mídia-educação e uso dos recursos tecnológicos durante a graduação. Somente 25,2% informaram ter feito cursos por conta própria e 6,7% têm especialização na área.

As escolhas eram múltiplas, então temos professores que puderam escolher mais de uma opção. Ao cruzarmos o tipo de formação com o tempo de docência, percebemos que 34% responderam ter recebido esse tipo de formação na graduação, e destes, 79% têm de um a cinco anos de docência, ou seja, são egressos recentes dos cursos de Pedagogia, o que denota que o currículo da formação inicial não negligenciou tais discussões. Os que responderam ter feito (ou estar fazendo) curso de formação continuada, oferecido pela secretaria de educação, correspondem a 43%, sendo que, deste total, 78% tem mais de seis anos de docência. Dos que responderam não ter feito nenhuma formação (31,1%), 86% têm mais de seis anos de docência.

Ao serem questionados se incluíam na prática pedagógica alguma estratégia ou recurso utilizado quando do retorno às aulas presenciais, 71,4% responderam que sim. Destes, 66% são docentes dos Anos Iniciais e com mais de seis anos de docência (72%) e atuam com plataformas on-line nesse momento de pandemia (71%). Pedimos também que os professores indicassem qual estratégia utilizariam e que justificassem sua escolha.

Dentre todas as respostas, 35% fariam mais uso de videoaulas, jogos e/ou recursos de gravação de vídeos com as crianças, 11% continuariam com o uso de plataformas on-line como suporte ao presencial, 6% continuariam usando o *WhatsApp* para interação com as famílias (pois viram nessa experiência uma maior aproximação entre escola e família) e 13% fariam uso dos formulários on-line, *sites* de pesquisa, ferramentas de videoconferência e recursos do Office. Alguns relatos selecionados abaixo, ilustram melhor as respostas:

Contato virtual com os pais para incentivar os seus filhos na educação em casa e na escola. (PEDAGOGO P, 2020).

Utilizaria as plataformas de pesquisa (Google docs, por exemplo), no intuito de preparar os alunos para o uso dessas ferramentas nas próximas etapas da escolarização, percebendo que, a partir desse momento, tais ferramentas fariam parte da vida escolar dos estudantes, logo, quanto antes tiverem domínio sobre elas, melhor será seu desempenho. (PEDAGOGO M, 2020).

Vídeos, sites de notícias, busca de imagens e jogos educativos na prática presencial (PEDAGOGO N, 2020).

Dos professores que responderam que não iriam levar nenhuma das estratégias usadas para o ensino presencial (28,6%), 50% são de instituições que utilizam plataformas on-line, 38% de instituições que adotaram uso de *WhatsApp*, material impresso para entrega às famílias ou compartilhamento via *Facebook* ou pasta de compartimento on-line (exemplo: Google Drive) e 13% escolheram essa opção por serem de instituições que, no momento da pesquisa, não estavam fazendo nenhuma atividade remota.

Em geral, a justificativa para não fazer uso de alguma estratégia ou recurso é com relação à exclusão digital, ou seja, o fato de os alunos não terem acesso aos recursos tecnológicos e internet, também, por considerarem a interação essencial e verem as estratégias utilizadas como uma necessidade somente deste momento de pandemia. Os depoimentos abaixo retratam essas questões.

É muito pouco o compromisso das famílias, principalmente quando as atividades vão pelas mídias. (PEDAGOGO T, 2020).

Educação infantil acho que tem que ser o contato com as crianças no dia a dia, através da interação é que acontece o aprendizado das crianças. (PEDAGOGO L, 2020).

Porque não acredito que a maneira como estou trabalhando se configure como algo 'a mais' no processo de ensino aprendizagem. (PEDAGOGO J, 2020).

Para fechar o questionário, fizemos o seguinte questionamento: Temos acompanhado que muitas famílias não estão satisfeitas com o ensino remoto. Por outro lado, o professor é cobrado pela instituição para que adapte sua prática a este momento educacional, ou seja, não é uma escolha do professor. Qual sua percepção sobre esse processo? Essa questão foi aberta e percebemos diferentes impressões sobre como os professores avaliaram essa situação. De forma geral, alguns professores relataram a sensação de que sempre se sentem cobrados e julgados pelas famílias e pelas instituições, recaindo neles a culpa pelos entraves do ato educacional. Outros relataram que as famílias têm julgado as estratégias adotadas por terem agora que assumir parte do processo educacional, que antes delegavam às escolas.

No entanto, boa parte dos professores avaliou que esse período de pandemia pegou a todos de surpresa. Ou seja, tanto as famílias não se sentem preparadas para mediar as atividades junto aos filhos, como os professores se sentem sobrecarregados e despreparados para fazer a transposição pedagógica e usar as tecnologias que foram escolhidas pela sua instituição. Também sentem que muitas crianças estão sendo excluídas do processo por não terem acesso à internet e muitas vezes não têm certeza se as atividades estão sendo feitas realmente pela criança, sem interferência da família. Enfim, entendem ser esse um momento bastante delicado, mas que irá trazer grandes aprendizados a todos os envolvidos, como mostram os depoimentos selecionados:

Penso que as famílias sentem dificuldade pelo fato de muitas vezes não terem domínio pedagógico, por não terem habilidades com tecnologias e também por falta de tempo, considerando que grande parte dos familiares está trabalhando. Não é uma escolha do professor, nós também estamos em um processo de adaptação e aprendizado nesse momento. (PEDAGOGO U, 2020).

Muitos professores não estão aptos e não receberam formação para esse tipo de trabalho. Antes de exigir que produzam atividades de mídias tecnológicas, seria necessário proporcionar o conhecimento e domínio da tecnologia necessária. (PEDAGOGO S, 2020).

O professor não está preparado para o ensino remoto. Os cursos de pedagogia não contemplam essa disciplina. (PEDAGOGO I, 2020).

Além do questionário, no segundo momento da pesquisa conversamos com sete pedagogos e a conversa fluiu no sentido de avaliar como foi a formação com relação ao uso das tecnologias e das mídias no processo educacional. O que ficou evidente nessas conversas é a urgência dos cursos de graduação em Pedagogia inserirem essas discussões em seu currículo, mas de forma mais integrada à prática pedagógica.

Sobre como percebiam seus colegas nesse processo, avaliaram que muitos têm dificuldade em preparar o material, alguns tiveram que aprender até mesmo a usar pastas *drives* de compartilhamento de arquivos on-line, o que mostra o quando esse processo gerou angústias e pegou a todos de surpresa.

Sobre o retorno das aulas presenciais, afirmaram que elas não serão mais como antes, seja com relação aos cuidados epidemiológicos seja com relação aos aspectos pedagógicos. Acreditavam ainda que, apesar das dificuldades sentidas por boa parte dos professores, muitos irão adotar algumas estratégias em sua prática pedagógica.

A pesquisa trouxe importantes aspectos que os pedagogos levantaram sobre suas práticas pedagógicas em tempos de pandemia, mostrando o quão é necessário olharmos com cuidado para esses profissionais. Antes de julgar ou questionar precisamos ser sensíveis a todos esses elementos que aqui foram apontados, sem esquecermos do lugar e do momento em que os professores tiveram que transpor o seu ato educativo do presencial para o remoto e/ou on-line.

5 CONCLUSÃO

O objetivo da pesquisa descrita neste artigo foi identificar a percepção dos professores da EI e AI sobre as práticas pedagógicas que vêm desenvolvendo nessa nova situação de isolamento social e contato mediado por tecnologias ou outras estratégias. Após a análise dos dados levantados, percebemos o quanto esse momento é complexo a todos os envolvidos no processo educacional. Para os gestores, a quem cabe a tomada de decisões sobre como conduzir esse momento, seja pelas famílias, que acabam assumindo um papel de mediadores (nem sempre sentindo-se preparados para essa atribuição, além da sobrecarga de trabalho pelos afazeres da casa e do home office).

Para as crianças, que ao se ver de um momento para o outro longe dos seus amigos precisam passar a entender a casa como um espaço da escola. E, principalmente, para os professores, que de forma abrupta, tiveram que adentrar esse universo do ensino remoto ou on-line. Com certeza teremos aprendizados, superaremos desafios e as discussões sobre o papel da escola e a inserção das tecnologias digitais, bem como da exclusão digital, serão cada vez mais enaltecidos.

O olhar desses pedagogos mostra o quanto precisamos voltar nossa atenção também para a trajetória formativa destes profissionais, discutir sobre sua prática docente numa sociedade inserida na cultura digital, e que, essa experiência pandêmica, nos mostra o quanto é urgente o letramento midiático destes profissionais.

Essa experiência deixará marcas em todos nós, teremos outras crianças, outros professores, outras famílias e outros gestores, que passarão a olhar a escola de forma diferente, abrindo aí, quem sabe, um caminho bastante receptivo a pautas educacionais que até então eram postergadas. Um momento bastante difícil e delicado, mas que tem o poder de mobilizar a todos nós para olharmos com seriedade para o propósito da escola na sociedade, em especial, a função e importância da escola pública no contexto da sociedade brasileira. Assim esperamos!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA, M. da G. M. da. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 7 n. 1, abr. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/5676>. Acesso em: 28 jun. 2020.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F.F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 255-280, 2020.

BAUER, M. W.; GASKELL (org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Medida provisória nº 934**, de 1º abril de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343**, de 17 março de 2020.

BUCKINGHAM, D. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010.

COVID: 83% dos professores não se sentem preparados para dar aulas online. **Educação**, 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/05/19/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CRUZ, D. M.; VENTURA, L. Mídia. In: MILL, D (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p.335-352, dez. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARI, A. Negros e pobres sofrem com exclusão digital durante a pandemia. **Forbes**, 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-insider/2020/05/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MORAN, José. Um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

MOREIRA, A.; OLIVEIRA, E.; DONADONI, M. Estudantes, pais e professores narram ‘apagão’ do ensino público na pandemia; em 7 estados e no DF, atividade remota não vai contar para o ano letivo. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/21/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para a sala de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REIS, A. V. S.A.; AMARO, D.; REIS, F. Sim, nós fomos avisados: é preciso ter competências digitais! **SEMESP**, 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/assessoria-educacional/noticias/sim-nos-fomos-avisados-e-preciso-ter-competencias-digitais/>. Acesso em: 27 jun. 2020.

SANTA CATARINA. Conselho Estadual de Educação. **Resolução nº 009**, de 19 de março de 2020.

SANTOS, D. Hipocrisia a distância: a escola finge que está educando e os pais fingem que os filhos estão aprendendo. **Bula**, 2020. Disponível em: <https://www.revistabula.com/31077-hipocrisia-a-distancia-a-escola-finge-que-esta-educando-e-os-pais-fingem-que-os-filhos-estao-aprendendo/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

Recebido em: 30 de Junho de 2020

Avaliado em: 5 de Agosto de 2020

Aceito em: 5 de Agosto de 2020



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

1 Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Pedagoga. E-mail: klalter.fontana@gmail.com

2 Professora Associada do Departamento de Metodologia do Ensino e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
E-mail: dulce.marcia.cruz@ufsc.br

